

A INDISCIPLINA ESCOLAR ENQUANTO DESAFIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Fernanda Oliveira de Almeida - UEG – fernanda_olyveiralmeida@hotmail.com

Júlia Bueno de Moraes Silva - UEG – juliabueno44@hotmail.com

RESUMO: A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional, trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente. Nesse contexto, o trabalho apresenta um relato de experiência baseado em uma reflexão sobre a indisciplina escolar na educação básica, partindo de algumas considerações conceituais, para então comentar algumas formas atuais de expressão da indisciplina, bem como suas principais causas. Logo, este relato aborda aspectos do preparo de graduanda em História pela Universidade Estadual de Goiás para a docência, e descreve sua experiência frente ao desenvolvimento das atividades na disciplina de estágio supervisionado II.

Palavras-chave: Indisciplina Escolar, Educação Básica, Formação do Professor.

Introdução

A docência é uma atividade complexa que, demanda compreender que a atividade do docente se resume à transmissão de conhecimentos, isto é, transformar informação em formação. Desta forma, atualmente espera-se que o educador universitário forme profissionais competentes e comprometidos socialmente, exigindo uma prática docente que possibilite aos alunos um pensamento crítico, baseado na valorização da criatividade, da reflexão e da participação dos alunos. Porém, para os graduandos apesar do conhecimento adquirido e da obtenção de aprendizagens para sua profissão, esta pode ser uma fase de tensões devido um contexto desconhecido sobre ela, de modo que as primeiras experiências vivenciadas por eles têm influência direta sobre a sua decisão de continuar ou não nesta profissão, pois este é um período marcado por sentimentos contraditórios que desafiam cotidianamente o professor e sua prática docente.

Deste modo, na etapa do Estágio Supervisionado - desenvolvido nas disciplinas específicas da grade curricular da graduação, o graduando poderá conhecer na prática está “realidade escolar”. Sendo assim, esta é supervisionado por um professor responsável pela disciplina de graduação, à qual assume funções de orientação e acompanhamento das atividades desenvolvidas pelo aluno de graduação nas aulas teórico-práticas realizadas em

escolas do ensino básico. Ressalta-se que o objetivo do estágio em docência é o acompanhamento do docente e não sua substituição, buscando proporcionar a este a possibilidade de reflexão sobre a formação profissional de sua área, por meio de seu efetivo envolvimento durante o desenrolar de disciplinas específicas de graduação.

Portanto, este trabalho sucedeu-se em um colégio estadual da rede pública do ensino básico a partir da observação, semi-regência e regência, e como consequência nesta, este relato tem por objetivo observar e discutir a indisciplina presente nas crianças e adolescentes que fazem o uso desta dentro e fora da sala de aula.

Referencial Teórico

A formação de professores hoje representa uma das fronteiras mais importantes a refletir o avanço do debate e pesquisa educacional, à qual encontra-se ecos de preocupações-chaves de políticas públicas de educação, bem como originadas no ambiente escolar. Neste contexto faz-se necessária a articulação entre indisciplina escolar e formação de professores.

Júlio Groppa Aquino (1996), apresenta o fenômeno da indisciplina como, talvez, o “inimigo número um do educador atual”, presente tanto em escolas públicas como particulares. Assim, circunscreve o tema como interdisciplinar e transversal à Pedagogia, apontando a indisciplina como um sintoma de “outra ordem que não a estritamente escolar, mas que surte no interior da relação educativa”. Enxerga a saída pela instauração de uma “nova” ordem pedagógica que restaure a função epistêmica da escola e coloque o conhecimento no centro do cenário educativo, situando o objeto a ser aprendido, dialogicamente, “entre” os que ensinam e os que aprendem.

Logo, esta tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente (AQUINO, 1996).

Há uma complexidade e até ambiguidade do tema. O que é disciplina? O que é sua negação, indisciplina? Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: primeira, a revolta contra estas normas, e segundo, o desconhecimento delas; no primeiro caso, a indisciplina

traduz-se por uma forma de desobediência insolente, no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. Por isto, sem ela há poucas chances de se levar a bom termo um processo de aprendizagem (AQUINO, 1996).

Desta forma, a indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas, ao contrário, está “evoluindo” nas escolas. Sob diversos aspectos, a indisciplina escolar atualmente, se diferencia daquela observada em décadas anteriores, não se tratando então apenas de uma ampliação quanto à intensidade de manifestação, ela apresenta expressões diferentes, é mais complexa e “criativa”, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo. Isso ocorre, por exemplo, quando os alunos de uma turma de ensino médio, mesmo formada por grupos divergentes entre si, são capazes de se organizar e estabelecem atitudes indisciplinadas coletivas, que vão desde a prática de um mesmo tipo de tratamento evasivo durante as aulas de determinado professor, passando por estratégias para intimidar uma professora a ponto de forçar que está abandone a escola, até processos complexos de contestação da orientação pedagógica dos professores e da escola (AQUINO, 1996).

Por isso, é necessário questionar qual o grau de participação da própria escola na geração de indisciplina, e não apenas assumir a posição simplista e autoritária que sugere, sem a devida fundamentação, que o problema sempre reside ou se origina na atitude dos estudantes. É interessante considerar o surgimento da indisciplina no contexto das relações emocionais e intersubjetivas entre professores e alunos ou até mesmo aquilo que refere-se à interação entre a indisciplina e outros aspectos do desenvolvimento psicossocial (AQUINO, 1996).

Sendo assim, o modo como algumas crianças aprendem a obter atenção e reconhecimento, representa uma situação muitas vezes comum de indisciplina no contínuo casa-escola. Uma possibilidade reside em aprender a obter atenção sobre si através de condutas intempestivas. Esta aprendizagem tende a ser mais efetiva à medida que pais e professores dediquem uma atenção diferenciada, mais intensa, a condutas indisciplinadas. Assim, se em casa as crianças aprendem a receber atenção e reconhecimento através de condutas socialmente inadequadas, na escola continuam a praticar esse modo de conseguir o que desejam, mas que ao final não atende às suas reais necessidades psicológicas, seja de atenção, reconhecimento, e assim por diante (AQUINO, 1996).

Portanto, apesar desse quadro de indisciplina escolar, encontramos hoje certa ausência de uma cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo adequado por parte dos professores para lidar com os distúrbios de sala de aula, apesar da clareza quanto a este espaço ser um contexto social onde a indisciplina facilmente se expressa, parte da qual a própria escola pode estar ensinando e reforçando. A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal, eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas, de modo que esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas (AQUINO, 1996).

Nesse contexto, mostra-se como solução recorrer a estratégias de desenvolvimento institucional e desencadear um processo de reestruturação de programas disciplinares e de ensino, visando obter melhorias significativas tanto no comportamento estudantil quanto no seu desempenho escolar. Assim, não se trata apenas de focalizar o comportamento dos alunos, é necessário considerar todos os aspectos do seu desenvolvimento psicossocial em relação à qualidade da educação oferecida pela escola; acrescente-se a importância de introduzir inovações educacionais que melhor instrumentalizem alunos e professores. Outra melhoria seria oferecer serviços especiais, tais como aconselhamento e supervisão, sobretudo para aqueles alunos com problemas disciplinares mais sérios e/ou crônicos. Enfim, deve-se enfatizar a necessidade de ampliar a comunicação e o envolvimento dos pais nos processos decisórios da escola, como elemento essencial à mudança que se deseja obter, à qual a participação destes revela-se um elemento crítico para melhorar a ordem nas escolas com problemas disciplinares (AQUINO, 1996).

Metodologia

Durante a realização das atividades desenvolvidas na escola, estritamente na fase da regência, foi tida como um desafio, gerando expectativas; pois abordar uma turma de 30 alunos da educação básica (ensino médio) exigiu mais do que conhecimento teórico sobre o conteúdo, demandou capacidade para escolher a melhor metodologia didática e habilidade para reter a atenção dos discentes, visto que a indisciplina foi vivenciada nesta.

Logo, no decorrer das aulas ministradas ao serem abordados os conteúdos, foi utilizado recursos didáticos que fizessem com que os discentes além de se interessarem, também interagissem e assim não dispersassem gerando indisciplina. Deste modo, o resultado

obtido me proporcionou entusiasmo e contentamento quanto ao problema vivenciado neste âmbito escolar.

Resultados e discussão

A experiência adquirida nesta etapa do estágio supervisionado, se deu de modo muito satisfatório e extremamente importante, pois me possibilitou obter um panorama geral da condução do ensino básico brasileiro, além de conferir a aquisição de conhecimentos e habilidades necessárias para o ensino universitário. Neste sentido, esta fase ofereceu-me capacitação pedagógica para o domínio do saber na área de História e, sobretudo, proporciono-me domínio didático-pedagógico, visando para minha formação de graduanda uma prática docente mais qualificada.

Considerações Finais

Ao participar do estágio supervisionado dá-se a oportunidade para o desenvolvimento e capacitação de futuros docentes, e esse é sem dúvida um dos passos iniciais para a construção de um novo profissional nesta área. Logo, para atender às novas perspectivas da prática docente na educação em História, é necessário habilitar os graduandos para a formação de alunos críticos, reflexivos e criativos, capazes de comprometerem-se com a construção de uma prática profissional enriquecedora. Para isso ocorrer, são exigidos destes, além do domínio sobre o conteúdo abordado, a construção de uma preparação pedagógica eficiente.

Nesse sentido, esta etapa da graduação, inquestionavelmente, exerce grande importância na formação de graduandos, mestres e doutores qualificados, pois abre espaço para que esses futuros professores desenvolvam-se, buscando estratégias para a implementação de uma nova proposta pedagógica devendo, portanto, ser incentivado para que o maior número deles participem.

Referências

AQUINO, Julio Groppa (org.). *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

GARCIA, Joe. *Entre os Muros da Escola: Indisciplina e Formação de Professores*. PUC-PR, 2009.